

PRISTA
MONTEIRO

o fio

arcãdia



Unifono 2134



O FIO

ou

«As Dozes Chávenas de Porcelana Chinesa
da Dinastia dos Ming»

por

PRISTA MONTEIRO

(3 ACTOS)

Obra destacada pela Direcção Geral da Acção
Cultural para um repertório de teatro português.



TÍTULO

O Flo

COLECÇÃO

Teatro/Arcádia

CAPA E PLANO GRÁFICO

Gina Martins Calado / Atelier Arcádia

Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

© Editora Arcádia, S.A.R.L.

Campo de Santa Clara, 160-D, Lisboa-Portugal

1.ª edição — Junho de 1980

Edição n.º 800

Esta edição, de que se tiraram 2 000 exemplares foi composta e impressa pela tipografia Santelmo, Cooperativa de Artes Gráficas, S.C.A.R.L. e acabada nas Oficinas Gráficas da Editora Arcádia

Prefácio
de
BERNARDO SANTARENO

RINCHOA
1978

I ACTO

«CENA — Antes de subir o pano, ouvir-se-á um violino, pianíssimo, que acabará quando a cena estiver totalmente aberta. Esta, porém, está mergulhada numa penumbra que permite contudo observar um vulto que se aproxima em silêncio e que de súbito choca com um grande armário. Tilintar de loiça e o ruído de algo que se quebra logo seguido de um grito rouco lançado pelo personagem que provocou o acidente e que fica paralisado, o olhar fixo sobre o móvel.

Atraídos por todos estes sons, acorrem outros personagens, o primeiro dos quais acende a luz da sala podendo então reconhecer-se que se trata de um grande, desengraçado e pobre *living*, com algum mobiliário desirmanado embora bem cuidado.

Há uma porta na E.B., outra na D.A. e uma janela na E.A..

Ao fundo, em grande destaque, ocupando o centro da sala, um grande e antiquado guarda-loiça.

À esquerda e paralela à parede desse lado, uma comprida mesa de casa de jantar, que servirá também para os trabalhos quotidianos da família. À esquerda da janela, dois cabides de pé, altos, com fortes ganchos de ferro.

Em torno da mesa algumas feias cadeiras, também desiguais.

A direita há um canapé de verga, velho, arrombado, com algumas almofadas igualmente gastas. De cada lado, um cadeirão de verga e em frente deste jogo uma pequena mesa encerada com alguns jornais e revistas e um velho rádio coberto com um *tricot* colorido. À esquerda do guarda-loiça, mesinha baixa com o telefone, lista e agenda para tomar notas.

De resto algumas feias floreiras com estatuetas de mau gosto ou com vasos de flores de plástico.

Não obstante este *bric-à-brac*, tudo está irrepreensivelmente limpo e arrumado.

É evidente que o guarda-loiça goza duma posição privilegiada naquela casa. Efectivamente, completamente vazio, exhibe apenas na face inferior de cada uma das suas duas prateleiras, seis em cima, seis em baixo, três de cada lado do batente das suas duas portas, uma dúzia de magníficas chávenas de autêntica porcelana da China com cores e desenhos de rara beleza. Estas peças não pendem directamente das prateleiras, mas sim de pequenos fios transparentes, os quais se unem

então aos «camarões» aparafusados à madeira.

O personagem inicialmente em cena era a «Filha Mais Velha» (F.M.V.), jovem de vinte e três anos, empregada de armazém, vestida modesta mas cuidadosamente.

A primeira pessoa a chegar é a «Mãe», mulher com cerca de cinquenta e cinco anos, baixa, pesada e cansada. Usa avental e nas mãos traz ainda a rodilha com que trabalhava na cozinha.

Os restantes personagens que se aproximam são: o «Filho», de vinte e dois anos, também empregado e vestindo igualmente roupas usadas mas bem tratadas e a «Filha Mais Nova» (F.M.N.), dezanove anos, estudante e cujo vestuário a denuncia como elemento privilegiado no seio da família.

Em determinados momentos, que corresponderão a determinadas situações, poder-se-á ouvir um tema musical A (T.M.A.) e noutras, por oposição, o tema musical B (T.M.B.)».

MAE

(chegando. Horrorizada)

Filha! Que foi?! Oh! Mas que fizeste? *(Pausa. Todos se mantêm estáticos, fascinados com o espectáculo, olhando para dentro do armário. Ao fim de algum tempo:)* Meu Deus! Que desgraça! *(O Filho, reagindo, abre o armário e retira alguns fragmentos duma chávena estenden-*

do-os, aparvalhado, à F.M.V. que os toma entre mãos e depois se deixa cair de joelhos, soluçando. De novo e por momentos, todos permanecem imóveis. Finalmente a Mãe, dominando-se, ajoelha junto da F.M.V., tira-lhe os cacos da mão e procura reconstituir a peça quebrada. A F.M.N. aproxima-se da irmã e passa-lhe um braço pelos ombros. De novo a Mãe:) Filha! Mas... Como foi isto? Como foi possível? (Agora todos pretendem fazer o seu interrogatório).

FILHO

Ora! Tropeçaste, não? Chiça!

F. M. N.

Um encontrão!...

FILHO

O pai!... Agora!

F. M. V.

(abraçada à Mãe)

Oh mãe! Tanto cuidado, tanto cuidado... que tenho tido...

FILHO

Às escuras, não?! Tropeçaste, claro! Esta maldita mania!

MÃE

(confortando a F.M.V.)

Então, filha!...

F. M. V.

(soluçando)

... Que temos tido mãe... e agora...

FILHO

Caramba! O pai!...

F. M. V.

E logo a mim, a mim!

MÃE

(tentando consolar)

Então, filha! Pronto! Que se há-de fazer?
(*Olha intencionalmente para os outros filhos.*)

F. M. V.

Mas... e o pai, mãe? O pai?

MÃE

Então filha... O pai, há-de entender.

F. M. V.

Oh, mas... Não haverá nada, nada?...

MAE

Creio que não, filha.

F.M.V.

Oh, mãe! Coitadinho. Há tanto tempo...
(Apontando os cacos.) Era tudo...

F.M.N.

Também, porque não acendeste a luz, que diabo?!

F.M.V.

Não sei, não sei. Nunca me tinha acontecido.

F.M.N.

Uma vez é a primeira. (T.M.A.)

F.M.V.

Mas nunca me aconteceu... até hoje. Estava confiada. Nunca me aconteceu. (Fim do T.M.A.)

F.M.N.

Bem! Agora precisamos é de fazer alguma coisa.

FILHO

(hesitante)

O quê? Colar? Sei lá... talvez se possa. (A mãe, sentada no chão embalando a F.M.V., olha os outros filhos abanando desiludida a cabeça.)

F. M. N.

Não sei. Mas começamos por isso.

FILHO

Há para aí uma cola... especial...

F. M. N.

Não! Isso não! Saía asneira. Há casas próprias, para restaurar. São especialistas.

F. M. V.

(para a Mãe)

Era tudo... tudo quanto ele tinha... Coitadinho!

MÃE

(abatida)

Quanto nós tínhamos.

F. M. N.

Bem! Que diabo! Também... não se partiram todas. Ainda temos onze.

MÃE

Sim, filha, sim. Mas... já não temos as doze.

F. M. N.

E então? Não era... por avareza que o pai as queria.

MÃE

... e uma só... parece que vale uma fortuna.

FILHO

E era a colecção, caramba!!

MÃE

Aguentamos isto tanto tempo... tantos cuidados... tantas dificuldades... Dificuldades sim, tentações... E até agora... tínhamos sempre conseguido.

F. M. V.

É mãe! E agora eu, estupidamente, estrago tudo.

FILHO

Bom! Podia ter sido qualquer de nós.

F. M. V.

Coitadinho! A alegria dele...

MÃE

(reagindo. Levanta-se)

Bom, filhos! Deixemos isso por agora. Que se há-de fazer!?

F. M. N.

Claro! Vamos mas é mandar restaurá-la. (Dirige-se para o armário.) Ajudem aqui... a apanhar. (Todos menos a mãe ajudam à colheita dentro do guarda-loiça.)

F. M. V.

O orgulho, mãe... O orgulho que ele tinha.

MÃE

É filha! As pessoas... quando não têm mais nada... fica-lhes o orgulho.

F. M. N.

Era como se fosse ele que as tivesse juntado... uma a uma...

MÃE

E era o mesmo! Conservou-as uma a uma todo este tempo.

F. M. V.

A sua única distracção... o seu passatempo.

MÃE

Vinte anos... Todas as noites...

FILHO

O que ele vai sentir, meu Deus!

F. M. V.

(com obsessão)

Os cuidados, todas as noites...

FILHO

Vinte anos!... Escovar, lavar, limpar... Nunca falhou uma noite, desde que a Madrinha lhe deixou isto.

F. M. V.

Era o seu tesouro.

MÃE

O seu? O nosso.

FILHO

Bem! Temos é que ter cuidado com ele... Com o seu coração.

F. M. N.

É! Ainda mais essa... *(Espalham-se pela sala olhando desolados a pequena colheita de fragmentos.)*

FILHO

(desanimado)

Não! Irra! Isto não dá nada. Está em migalhas. *(Atira os cacos para cima da mesa da casa de jantar. Acende um cigarro. Silêncio. Abatimento de todos.)*

F. M. N.

Não! Realmente, não vale a pena colar. Temos de arranjar outra solução.

MÃE

(recordando)

Foi o que nos valeu... O nosso apoio... Desde que as herdou.

FILHO

Nós sabemos, mãe! Vocês... vocês ganharam confiança.

MÃE

Que bom... quando as recebemos... Nunca lhes tocamos, até hoje, hem! Mas ele... sempre dizia: «Temos o nosso serviço!»

F. M. N.

(resoluta)

Bom! Mas afinal, com esta conversa toda ainda não decidimos nada, mãe.

MÃE

(reagindo)

É! E ele pode chegar dum momento para o outro.

F. M. N.

Temos de acabar com esta choradeira.

MÃE

Deixem-me pensar... Claro que consertar isto... Hum! Temos de procurar outra solução. Ninguém se lembra de nada? (*Ninguém responde.*) Bom! Pelo menos uma coisinha é certa. Precisamos de dinheiro.

FILHO

(aproximando-se da F.M.V.)

Ouve lá! E lá no teu armazém... Sim! Não há lá uma secção de loiças? *(Todos prestam atenção.)* Às vezes... podia ser...

F. M. N.

Ora! É tudo de agora. Imitações!... Baratas!...

FILHO

E então?! Que tem isso? Se fosse uma boa imitação... o pai...

MÃE

(energicamente)

Não! Isso não! Não consinto! Intrujá-lo, nunca!

FILHO

Ora mãe! Que é que o pai percebe disto?

MÃE

Não! Já disse! De resto... ele dava logo por isso. Conhece estas chávenas... como os seus dedos.

F. M. V.

(com indignação)

E não era só isso, mãe!

FILHO

Que diabo! Agora imitam tudo. Às vezes ainda ficam melhor do que as antigas.

F. M. N.

(*trocista*)

É isso mesmo, meu parvo! Falta-lhes a mão do artista. São todas iguais. Feitas em série. Antes era artesanato puro.

FILHO

(*irritado*)

Ora vai!... Deixa-te de falar caro comigo, ouviste!?

F. M. N.

(*mesmo tom*)

Claro?! Tu é que falas barato, rapaz.

MAE

Então, filhos, que é isso!?

FILHO

... a mania! Lá porque anda a estudar!...

MAE

(*decidida*)

Eu, também, não consentia.